

Coleção Vértice

130

CORAÇÃO LIVRE

Educação dos sentimentos para uma vida
equilibrada e madura

ALEXANDRE HAVARD

CORAÇÃO LIVRE

Educação dos sentimentos para uma
vida equilibrada e madura

Tradução

Diego Fagundes



QUADRANTE

São Paulo

2021

Título original
Free Hearts

Copyright © 2021, Alexandre Havard

Capa
Douglas Catisti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Havard, Alexandre

Coração livre : educação dos sentimentos para uma vida equilibrada e madura / Alexandre Havard; tradução de Diego Fagundes. – São Paulo : Quadrante, 2021.

Título original: *Free Hearts*

ISBN: 978-65-89820-14-7

1. Conduta de vida 2. Vida cristã 3. Virtudes I. Título

CDD 241.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Conduta de vida : 2. Vida cristã 3. Virtudes 241.4

Todos os direitos reservados a
QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br / atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Prefácio	7
Nota do autor	11
Capítulo 1 - O coração: fonte e centro	15
Capítulo 2 - A espiritualidade do coração.....	21
Capítulo 3 - O racionalista.....	29
Capítulo 4 - O voluntarista religioso	37
Capítulo 5 - O voluntarista másculo	43
Capítulo 6 - O voluntarista ideológico.....	47
Capítulo 7 - O voluntarista conformista.....	53
Capítulo 8 - O sentimentalista voluptuoso.....	57
Capítulo 9 - O sentimentalista insano	61
Capítulo 10 - O sentimentalista covarde	65
Capítulo 11 - Corações secos	69
Capítulo 12 - Corações feridos	77
Capítulo 13 - A beleza	83
Capítulo 14 - A grandeza.....	93

Capítulo 15 - O amor.....	99
Capítulo 16 - Liberdade	105
Capítulo 17 - A misericórdia.....	111
Capítulo 18 - O sofrimento	119
Conclusão.....	125

Prefácio

Fui convidado pelo presidente da Comissão Queniana para a Implementação da Constituição a apresentar meu sistema de liderança virtuosa a cinquenta autoridades locais – incluindo deputados, senadores e governadores. O convite também envolvia uma sessão de perguntas e respostas ao final da minha fala.

Foi a primeira vez que me dirigi a uma plateia de políticos. Um deles, Gerald Otieno Kajwang, ficou de pé.

Senador conhecido, Kajwang era um sujeito alto e corpulento que já se envolvera mais de uma vez em embates físicos com outros políticos quenianos. Era conhecido por seu senso de humor.

Ele pegou o microfone: «Alexandre, você está pregando para o público errado. Nós somos políticos precisamente porque não somos gente virtuosa. Todos somos ladrões, talvez até criminosos. Esse é o nosso trabalho».

Fui pego de surpresa pela sinceridade dele, mas retruquei: «Senhor, o fato de você ser ladrão e criminoso não é o problema».

Igualmente surpreso, Kajwang sentou-se de volta na cadeira.

«Não, o problema não é o fato de você ser mau. O problema é o fato de você ser pequeno. O problema do mal não é o mal em si. É a diminuição da pessoa, o encolhimento do

coração, o atrofiamento do espírito que ele acarreta e a catástrofe estética que provoca. Seu problema é a diminuição de seu ser. Estou aqui para ajudá-lo a consertar esse problema, pois uma pessoa pequena é uma pessoa feia».

Kajwang manteve-se em humilde silêncio. Um ano depois, aos 55 anos, sofreu um ataque cardíaco e não resistiu. Mais tarde, fiquei sabendo que havia mudado profundamente nos anos que antecederam sua morte: havia convertido seu coração. Ele tinha abandonado o coração fraco e ingressado no sublime domínio da magnanimidade, da grandeza e da beleza. Kajwang se tornara um homem livre e magnífico.

Muitos podem até aceitar a pecha de mau, mas poucos gostam de ser vistos como feios. Muitos toleram o fato de serem pessoas de má vontade, mas poucos estão preparados para reconhecer que seus corações são murchos. Uma educação do coração: é disso que precisamos se queremos voar como águias em vez de bater asas inutilmente, como uma galinha.

Mombaça, Quênia
Julho de 2013

Nota do autor

Diferentemente de um animal cuja vontade é determinada pelo instinto, o homem tem livre-arbítrio e é capaz de fazer escolhas. Para além dessa liberdade básica (isto é, desse livre-arbítrio), no entanto, há uma liberdade superior – uma liberdade do coração.

Um coração livre é um coração acostumado a dizer «sim» a valores transcendentais, aos impulsos e inspirações divinas que se manifestam nas profundezas de nosso ser. A amplitude da nossa liberdade depende da frequência e da intensidade com a qual dizemos «sim».

Podemos alcançar essa liberdade do coração quando trabalhamos intensamente nosso eu interior. Trata-se de mais do que «fazer alguma coisa», mas de permitir que sejamos amados.

29 de janeiro de 2018

CAPÍTULO I

O coração: fonte e centro

Há no homem três centros de liberdade e responsabilidade: a razão, a vontade e o coração. A razão e a vontade são faculdades exclusivamente espirituais. O coração é espiritual e físico ao mesmo tempo.

Esses centros não são independentes: só podem ser desenvolvidos de maneira conjunta. Se um dos três elementos fica isolado dos outros, corrompe a si próprio e a totalidade do organismo humano. O racionalismo (ênfase exclusiva na razão), o voluntarismo (ênfase exclusiva na vontade) e o sentimentalismo (ênfase exclusiva no coração) paralisam o homem e o tornam infeliz.

O coração, por ser uma força a um só tempo espiritual e física, é a parte mais complexa da personalidade humana, mas é também a mais preciosa. O homem vale aquilo que vale seu coração. O coração do homem é seu «eu» mais íntimo. É o coração do homem, e não seu intelecto ou sua vontade, o que sente felicidade.

O coração é a fonte da vida física e psíquica. É também a fonte da vida espiritual: o coração é, como bem afirmou Blaise Pascal, o fundamento da razão e da vontade.

É o fundamento da razão: ele capta imediata e intuitivamente a *existência* de coisas que não podem ser provadas de maneira lógica¹. O coração, portanto, estabelece o ponto de partida da razão e do conhecimento.

É também o fundamento da vontade: ele apresenta de maneira igualmente imediata e intuitiva os *objetivos* de nossa existência que dão à vontade sua direção (a escolha fundamental que fazemos, muitas vezes inconscientemente, entre o Criador e as criaturas, entre Deus e o «eu»).

Não há homem sem coração nem homem cujo coração seja vazio. O coração não pode ser vazio. Ele está sempre cheio. Contém o bem (visão, motivação) e o mal (cegueira, impotência); e, se o bem diminui, o mal aumenta instantaneamente.

O coração não é apenas a fonte da personalidade: é também seu centro. O coração é o centro de nossos afetos. *Porque onde está o teu tesouro, lá também está teu coração* (Mt 6, 21).

O coração é também o centro da nossa relação com Deus. É sobretudo no coração do homem que Deus age, mesmo que Ele também aja, de maneira secundária, na mente e na vontade. O coração é o órgão de comunhão entre o homem e Deus: «Deus é mais íntimo de mim do que eu mesmo», afirma Santo Agostinho, uma vez que somente Deus sabe o que acontece nas profundezas do nosso coração e conhece a sinceridade com que respondemos às suas inspirações.

O coração ocupa um lugar privilegiado na poesia, na literatura e na religião (principalmente na Bíblia). Assume lugar de destaque em algumas tradições, como a russa. Piotr Chaadáyev, Vladimir Soloviov, Pavel Florensky...

(1) O coração às vezes consegue apreender a *essência* das coisas («O que é isto?»), mas jamais deixa de apreender a *existência* delas («Será que isto realmente existe?»).

Tanto por meio de suas vidas quanto de seus escritos, esses filósofos deram testemunho da importância do coração. Por outro lado, na filosofia clássica grega e ocidental (embora haja exemplos como Santo Agostinho, Blaise Pascal e Dietrich von Hildebrand), o coração é pouco valorizado, e o lugar que ele ocupa (quando chega a fazê-lo) é quase irrelevante comparado ao lugar da mente e da vontade.

Embora tenha escrito coisas muito belas a respeito do amor, Platão, em seu sistema filosófico, confere à mente um lugar único e de importância desproporcional. Aristóteles, por sua vez, afirma que o homem verdadeiramente virtuoso sente alegria ao praticar a virtude, mas coloca toda a sua ênfase no intelecto e na vontade. O coração, para ele, não é uma faculdade espiritual; ao contrário, limita-se às esferas fisiológica e psíquica, ao mundo irracional partilhado tanto pelos homens quanto pelos animais.

A filosofia da antiguidade grega transfere os atributos espirituais do coração para a inteligência e para a vontade.

Antes que Aristóteles fosse descoberto, o Ocidente fora guiado intelectualmente por Santo Agostinho, autor das *Confissões*. Para ele, o coração é uma faculdade tanto física quanto espiritual, ainda que não esteja no mesmo nível da razão e da vontade. Todavia, a partir do século XII, Aristóteles e sua visão minimalista do coração passam a dar as cartas na Europa. É somente com Pascal, no século XVII, que a «questão do coração» vem a ocupar o primeiro plano das discussões. Infelizmente, não foi Pascal, e sim René Descartes, contemporâneo seu, que transformou o Ocidente naquilo que ele veio a se tornar. Descartes não se interessa pelo coração porque o coração não pode demonstrar *matematicamente* a verdade de suas certezas. Somente a razão conta – de modo especial, a razão *matemática*. Aqui, caímos no racionalismo fanático. Se Platão e Aristóteles não foram capazes de «descobrir»

o coração, Descartes o descobriu apenas para destruí-lo no instante seguinte.

Seja como for, o Ocidente enfatizou o lugar da mente e da vontade na vida do homem, ao passo que o Oriente deu ao coração muito mais atenção. É por isso que o Ocidente muitas vezes acusa o Oriente de sentimentalismo, ao passo que o Oriente vai reprovando o racionalismo e o voluntarismo ocidental. Ambas as abordagens, porém, são falsas se não levam em conta um fato elementar, qual seja: coração, mente e vontade só podem funcionar juntos. Só se pode praticar o bem tendo um coração puro, uma inteligência iluminada e uma vontade forte.